

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

ATALITA COSTA GOMES

**O MEDIADOR DA SALA DE LEITURA E O DESENVOLVIMENTO DE
LEITORES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

ATALITA COSTA GOMES

**O MEDIADOR DA SALA DE LEITURA E O DESENVOLVIMENTO DE
LEITORES**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Franz

CURITIBA - PR



TERMO DE APROVAÇÃO

O mediador da Sala de Leitura e o desenvolvimento de leitores

Por

ATALITA COSTA GOMES

Monografia apresentada às 08:25, do dia 11 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Marcelo Franz
UTFPR - Curitiba
(orientador)

ROGERIO CAETANO DE ALMEIDA
UTFPR - Curitiba

ROBERLEI ALVES BERTUCCI
UTFPR - Curitiba

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, por plano de Deus passaram por minha vida e colaboraram de alguma maneira para que me tornasse cada vez melhor e minha vida mais agradável.

Agradeço, então, aos meus familiares, amigos, professores, colegas de trabalho...

Agradeço em especial a Deus que me dá sabedoria, protege e dirige meus passos.

[...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(Manoel de Barros)

RESUMO

GOMES, Atalita Costa. **O mediador da Sala de Leitura e o desenvolvimento de leitores**. 2018. 117 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, 2018.

O texto literário tem a característica de dialogar com os leitores, despertando diferentes emoções. Inicialmente, através de leituras realizadas por adultos, as crianças apresentam grande interesse pelas narrativas. Com o passar do tempo e, com a independência leitora, algumas pessoas desistem da leitura, outras continuam estabelecendo seu vínculo com ela, por meio da leitura autônoma, especificamente de textos literários. Esta pesquisa tem por tema a análise do funcionamento das Salas e Espaços de Leitura a partir do Projeto de Leitura da Rede Municipal de Ensino de São Paulo como parte das políticas públicas de incentivo à leitura e formação de leitores entre os alunos do Ensino Fundamental I e II. Seu foco de investigação e pesquisa está na figura do professor de Sala de Leitura e nas relações de afeto que permeiam o aprendizado e a adoção de hábitos de leitura. Quanto ao objetivo geral, pretende-se verificar a importância do fator afetivo entre professores e alunos na tarefa de mediar a leitura e formar leitores autônomos de literatura. Quanto aos objetivos específicos: descrever as características do texto literário e suas relações na formação do leitor; examinar documentos oficiais sobre projetos de fomento à literatura em andamento na Rede Municipal de Educação de São Paulo; avaliar a funcionalidade dos projetos de fomento à literatura em andamento na Rede Municipal de Educação de São Paulo por meio de análise de relato direcionado por questões abertas a professoras responsáveis por salas de leitura; Investigar como a sala de leitura e a atuação do professor que a conduz, como mediador entre o livro e o aluno tem contribuído para a formação de leitores; Examinar os dados coletados buscando pistas para o planejamento de ações efetivas na formação do leitor de textos literários. O trabalho ainda apresenta reflexões sobre os estudos de psicanálise de Freud, estudiosos da educação como Henri Wallon e Lev Vygotsky, com enfoque nas relações que se estabelecem entre professores e alunos temperados pela afetividade nas mediações entre esses atores e a leitura literária.

Palavras-chave:

Salas e espaços de leitura. Texto literário. Afetividade. Mediação. Formação de leitores.

ABSTRACT

GOMES, Atalita Costa. **The Media Room mediator and the development of readers**. 2018. 117 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, 2018.

The literary text has the characteristic of dialoguing with the readers, arousing different emotions. Initially, through readings performed by adults, children have a great interest in narratives. With the passing of time, and with the independence of reading, some people give up reading, others continue to establish their bond with it, through autonomous reading, specifically of literary texts. This research has as its theme the analysis of the functioning of the Reading Rooms and Spaces from the Reading Project of the Municipal Network of Teaching of São Paulo as part of the public policies of incentive to the reading and formation of readers among the students of Elementary School I and II. His research and research focus is on the figure of the Reading Room teacher and the relationships of affection that permeate learning and the adoption of reading habits. As to the general objective, it is intended to verify the importance of the affective factor between teachers and students in the task of mediating reading and forming autonomous readers of literature. As to the specific objectives: to describe the characteristics of the literary text and its relations in the formation of the reader; to examine official documents on projects to promote literature in progress at the Municipal Education Network of São Paulo; to evaluate the functionality of projects to promote literature in progress in the Municipal Education Network of São Paulo through an analysis of reports directed by questions open to teachers responsible for reading rooms; To investigate how the reading room and the acting of the teacher who conducts it, as mediator between the book and the

student has contributed to the formation of readers; To examine the collected data looking for clues to the planning of effective actions in the formation of the reader of literary texts. The work still presents reflections on the studies of psychoanalysis of Freud, scholars of education as Henri Wallon and Lev Vygotsky, focusing on the relations that are established between teachers and students tempered by the affectivity in the mediations between these actors and the literary reading.

Keywords:

Rooms and reading spaces. Literary text. Affectivity. Mediation. Training of readers.

SUMÁRIO

1- SER LEITOR	08
2 SALAS E ESPAÇOS DE LEITURA	12
3- A MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR	17
4- LITERATURA PARA QUÊ?.....	24
5- NA PRÁTICA, COMO É QUE FICA?.....	30
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	42

1. SER LEITOR

“O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo ‘amar’... o verbo ‘sonhar’... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: ‘Me ame!’ ‘Sonhe!’ ‘Leia!’ ‘Leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!’

- Vá para o seu quarto e leia!

Resultado?

Nulo.

Ele dormiu em cima do livro (...)

(PENNAC, 1993, p. 13)

A formação de leitores tem se apresentado como um grande desafio da educação brasileira no sentido de formar cidadãos letrados, não somente alfabetizados. Assim, a tarefa da escola está além de inserir o aluno no mundo da leitura, mas de promover a sua inserção no mundo da literatura.

Pensando nesse desafio, importa conhecer qual é o perfil do leitor brasileiro e, para isso, busquei refletir sobre alguns dados revelados pela quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, pesquisa realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, entidade mantida pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (ABRELIVROS). A pesquisa ouviu em 2015, 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não. Isso representa, segundo o IBOPE, 93% da população brasileira. Em comparação com edições anteriores desta mesma pesquisa, notou-se que há um pouco mais de leitores no Brasil. Se em 2011 eles representavam 50% da população, em 2015 eles são 56%. Mas ainda é pouco. O índice de leitura, apesar de ligeira melhora, indica que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano – desses, 0,94 são indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria. Do total de livros lidos, 2,43 foram terminados e 2,53 lidos em partes. Para a pesquisa, é leitor quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3

meses. Já o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

A pesquisa destacou que as principais motivações para ler um livro, entre os que se consideram leitores, estão gosto (25%), atualização cultural (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%), atualização profissional ou exigência do trabalho (7%), não sabe ou não respondeu (5%), outros (1%). Adolescentes entre 11 e 13 anos são os que mais leem por gosto (42%), seguidos por crianças de 5 a 10 anos (40%). Esta última informação é importante ser considerada, já que dela podemos depreender que aqueles que mais buscam a leitura por gosto, por prazer, de maneira autônoma, estão em fase escolar.

Os fatores que mais influenciam na escolha de um livro estão tema ou assunto (30%), autor (12%), dicas de outras pessoas (11%), título do livro (11%), capa (11%), dicas de professores (7%), críticas/ resenhas (5%), publicidade (2%), editora (2%), redes sociais (2%), não sabe/não respondeu (8%), outro (1%). O item O “tema ou assunto” influencia mais a escolha dos adultos e daqueles com escolaridade mais alta, atingindo 45% das menções entre os que têm ensino superior. Já o público entre 5 e 13 anos escolhe pela capa. Dicas de professores funcionam melhor que todas as outras opções para crianças entre 5 e 10 anos. E blogs respondem por menos de 1%. A partir desses dados, notamos que os esforços do sistema educacional em proporcionar o acesso ao livro e dos professores em mediar esse acesso, explorando cada um dos seus recursos, tem surtido efeitos positivos, porém ainda não totalmente satisfatórios.

“Todos estes debates mostram que continua existindo tensão entre as concepções de leitura livre e de leitura guiada. A esta altura parece não haver dúvida de que os meninos e as meninas necessitam abordar os livros de uma forma que respeite sua liberdade de escolha e de leitura. Mas também necessitam aprender a refletir sobre o que leem. O desafio para a escola continua sendo o de articular práticas em ambos os sentidos que, em vez de anular-se, se nutram mutuamente.” (COLOMER, 2007, p. 78)

Lê-se mais em casa (81%), depois na sala de aula (25%), biblioteca (19%), trabalho (15%), transporte (11%), consultório e salão de beleza (8%) e em outros

lugares menos expressivos. Para 67% da população, não houve uma pessoa que incentivasse a leitura em sua trajetória, mas dos 33% que tiveram alguma influência, a mãe, ou representante do sexo feminino, foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%). Esses dados corroboram para a ideia de que o fator afetivo interfere positivamente no despertar do leitor, sendo o primeiro campo de semeadura, a família e em seguida, a escola. “Ler histórias desde que a criança é bem pequena é, provavelmente, a melhor aproximação pedagógica da leitura.” (BONNAFÉ, 2008, p 71)

Encarando os dados da pesquisa, podemos compreender que, muitas vezes, em meio à família não será possível adquirir o contato com o livro e conseqüentemente com a leitura, cabe, então, à escola, especificamente ao professor, apresentar a leitura literária aos seus alunos.

“Em resumo, lhe ensinamos tudo sobre o livro quando ele não sabia ler. Abrimos para ele uma infinita diversidade das coisas imaginárias nas alegrias da viagem vertical (...) As histórias que líamos para ele estavam cheias de irmãos, irmãs, parentes, de duplos ideais, esquadrilhas de anjos da guarda, amigos tutelares encarregados de suas tristezas, mas que, lutando contra seus próprios monstros, encontrarão também eles refúgio nas batidas inquietas do seu coração. Converteram-se em seu anjo recíproco: um, leitor. Sem ele, seu mundo não existia. Sem eles ele permaneceria preso na espessura dele próprio. Assim descobriu a virtude paradoxal da leitura que consiste em abstrairmos do mundo para encontrar-lhe um sentido” (PENNAC, 1993, p. 17)

É possível ensinar a alguém aquilo que não sabemos ou convencê-lo sobre algo no qual não acreditamos? Transmitir paixão por aquilo que não nos encontramos apaixonados? Certamente que a resposta a essa série de questionamento é “não”. Como pode o professor que não lê, despertar o prazer pela leitura? A pesquisa perguntou a professores qual tinha sido o último livro que leram, 50% responderam nenhum e 22%, a Bíblia e os demais indicaram outros títulos. A porcentagem de professores que não leem é muito grande pensando na grandiosidade da tarefa de despertar leitores nos ambientes educacionais.

“Falar sobre os livros, debatê-los, expressar emoções que tenham causado, constatar as diferenças de gostos e de apreciações, recomendá-los e interessar-se pelas indicações dos demais são atividades absolutamente imprescindíveis na prática escolar de todos os níveis educativos. (COLOMER, 2017, p. 103)

Uma das frases mais conhecidas do teólogo, organista, filósofo e médico alemão Albert Schweitzer diz: “Dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar as pessoas, é a única”. Quando o professor lê, seu comportamento leitor transparece aos seus alunos, sua fala é influenciada pelas suas leituras e acabam influenciando os seus alunos ainda que não intencionalmente.

Apesar de entender que essa tarefa cabe a todos os professores e envolvidos no processo educativo, destaco nesse trabalho de pesquisa, as ações institucionais da Secretaria de Educação do Município de São Paulo com finalidade de desenvolver o hábito da leitura e a figura do Professor de Sala de Leitura, o educador que tem como tarefa específica desenvolver leitores, de modo que seus alunos percebam a leitura como uma atividade social, não um conteúdo escolar.

2. SALAS E ESPAÇOS DE LEITURA

“Esta história existe... Está ao meu alcance. Se quiser, sei onde encontrá-la” (MACHADO, 2002, p 15)

Com objetivo de disseminar a leitura e despertar leitores, no intuito de garantir à população o exercício da cidadania, foram desenvolvidas diversas políticas públicas voltadas à leitura no âmbito cultural e educacional. A promoção da leitura passa obrigatoriamente pelo investimento na educação, pois, é na escola e no professor que se encontram elementos fundamentais para a formação do leitor brasileiro. Além disso, o estímulo à leitura deve ter como consequência uma fruição da literatura como objeto estético, ultrapassando o contexto escolar e facilitando a sua incorporação às práticas culturais. Mais do que uma condição para a cidadania plena, o direito à literatura é, conforme a compreensão de Antônio Cândido, uma condição para a humanização.

Especificamente na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, por meio de Decreto publicado em 10 de julho de 2008, ficou autorizada a criação de Sala de Leitura nas Escolas Municipais de Educação Infantil, nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio, nas Escolas Municipais de Educação Especial e nos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos, desde que houvesse condições físicas para sua instalação e não acarretasse prejuízos ao atendimento da demanda escolar. As unidades educacionais que não dispusessem de condições físicas para instalação de Sala de Leitura deveriam organizar o Espaço de Leitura, composto de acervo próprio, suficiente para o atendimento das necessidades dos alunos.

As Diretorias Regionais de Educação foram incumbidas de organizar o Núcleo de Leitura, constituído de ambiente próprio e dotado de acervo especializado, com o objetivo de propiciar formação e enriquecimento profissional aos educadores da região por intermédio da construção de novos conhecimentos e competências e de repensar a prática pedagógica com vistas a possibilitar aos alunos da Rede Municipal de Ensino o acesso às diferentes fontes de leitura e às diversas formas de linguagem, propiciando a ampliação da democratização do conhecimento.

À Diretoria de Orientação Técnica - DOT, da Secretaria Municipal de Educação, coube a indicação dos títulos que fariam parte do acervo inicial e a aquisição da bibliografia temática, que estivessem de acordo com as diretrizes fixadas pela Secretaria Municipal de Educação para as Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura, além da aquisição de mobiliário específico. A responsabilidade pela formação inicial dos Professores Orientadores de Sala de Leitura – POSLs, a formação continuada, bem como o acompanhamento e a avaliação dos trabalhos desenvolvidos nas Salas de Leitura e nos Espaços de Leitura da Rede Municipal de Ensino também seriam incumbências de DOT.

O Decreto também estabeleceu que nas Unidades Educacionais o acervo das Salas e Espaços de Leitura deveria ser catalogado, conservado em condições adequadas e restaurado ou substituído quando necessário. Porém, apropriando-nos do que nos diz Machado: “Dedicar-se a separar, classificar e catalogar os ossos que compõem o caldo que ferve o caldeirão das histórias é tarefa inglória, que deixa de lado o mais importante, que é saborear o gosto – o efeito – do conto lido ou escutado” (MACHADO, 2004, p. 168), o acervo por si mesmo não seria suficiente, então, o mesmo decreto determinou que caberia à Diretoria de Orientação Técnica, da Secretaria Municipal de Educação, a responsabilidade pela formação inicial dos Professores Orientadores de Sala de Leitura - POSLs e às Diretorias Regionais de Educação a formação continuada, bem como o acompanhamento e a avaliação dos trabalhos desenvolvidos nas Salas de Leitura e nos Espaços de Leitura da Rede Municipal de Ensino.

Por meio do referido decreto foi instituído que as Salas de Leitura seriam espaços onde os alunos deveriam aprender comportamentos de leitor, por meio de atividades de leitura de diversos gêneros textuais em suas diferentes funções. Determinou o espaço de Leitura como sendo o recanto onde se aloca o conjunto de compêndios, livros, revistas, jornais e outros da espécie, disponibilizando material para o atendimento dos alunos em sala de aula, com a finalidade de criar oportunidades de apropriação de informações por meio de atividades diversificadas, envolvendo as múltiplas linguagens e favorecendo a memória das tradições e a geração da cultura.

Como já fora citado, ao profissional responsável por este espaço, o Professor Orientador de Sala de Leitura - POSL teria a responsabilidade pela organização

permanente do acervo, o tombamento e empréstimo de livros, a orientação à pesquisa bibliográfica, a leitura de diversos gêneros, a roda de apreciação literária e a organização de acervo de sala de aula em articulação com o professor regente de classe, contribuindo para o trabalho deste. O POSL pode ser um Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, ou de Ensino Fundamental II e Médio, efetivo ou estável, eleito pelo Conselho de Escola para mandato de 1 (um) ano, permitida a reeleição. O atendimento aos alunos seria em uma hora-aula por semana, em horário organizado a fim de atender todas as turmas da UE. Ao Coordenador Pedagógico da escola, conforme o decreto, caberia a coordenação, acompanhamento, supervisão, apoio e avaliação do trabalho do POSL que deve também estar articulado ao PPP da escola e às diretrizes da Secretaria Municipal da Educação.

Nos Centros de Educação Infantil - CEIs e nas Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEIs, os Espaços de Leitura receberam a proposta de serem integrados à Brinquedoteca, onde seriam propostas atividades que favorecessem o desenvolvimento das diferentes linguagens, atribuindo, desta forma, caráter lúdico à leitura.

A Portaria SME nº 7.464/15, que trata sobre a criação do Programa “São Paulo Integral” na cidade de São Paulo resolveu, com relação às Salas de Leitura e sua ação pedagógica, que a organização do trabalho do POSL deveria ter como diretrizes em suas ações pedagógicas:

I- o currículo na perspectiva emancipatória e integradora, tendo a dialogicidade como norteadora do trabalho pedagógico e, a leitura, como um processo de compreensão mais abrangente da realidade;

II- a leitura do mundo precedente à leitura da palavra, entendendo que a leitura começa antes do contato com o texto e vai para além dele;

III- a garantia da bibliodiversidade de forma a atender toda a comunidade educativa, tornando propício o trabalho com a leitura que o leitor pode fazer de si, do outro e do mundo;

IV – a literatura enquanto direito inalienável do ser humano e como fonte das várias leituras da realidade e do próprio desenvolvimento da história e das culturas.

Trouxe como objetivos das Salas de Leitura:

- I - disponibilizar o acervo da Sala de Leitura para toda a comunidade escolar;
- II - favorecer a aprendizagem dos diferentes gêneros de leitura;
- III - promover o acesso à produção literária clássica e contemporânea;
- IV - dar visibilidade às literaturas não hegemônicas, à literatura marginal periférica, à literatura de mulheres, negros e LGBT.

Como atribuições do POSL:

I - trabalhar a literatura como eixo articulador do seu trabalho em diálogo com outras manifestações artísticas;

II - desencadear ações estratégicas de leitura nos diferentes espaços e/ou equipamentos culturais do entorno, como: CEUS, parques, bibliotecas, centros culturais, casas de cultura, coletivos independentes produtores de cultura, a fim de, propiciar as possíveis leituras do território e da cidade.

III - participar da elaboração do Projeto Político-Pedagógico da Unidade Educacional e da construção do currículo numa perspectiva integradora;

IV - articular, em conjunto com o POIE, do planejamento e desenvolvimento do trabalho na área de integração, envolvendo os demais professores da unidade;

V – socializar, junto aos seus pares, nos horários coletivos, as propostas da formação continuada oferecidas pelas equipes das Diretorias Regionais de Educação - DREs e da Diretoria de Orientação Técnica DOT/SME.

VI - assegurar a organização necessária ao funcionamento das Salas de Leitura de modo a favorecer a construção criativa do espaço, no sentido de adequar as diferentes atividades a serem desenvolvidas;

VII - conhecer, divulgar e disponibilizar o acervo de modo a favorecer a bibliodiversidade;

VIII - elaborar horário de atendimento aos educandos, em conjunto com a Equipe Gestora, de modo a favorecer e aperfeiçoar o acesso aos livros para toda a comunidade escolar.

Para exercício da função de POSL, como já fora mencionado anteriormente, o interessado deve ser eleito pelo Conselho de Escola, mediante apresentação de

Proposta de Trabalho, de acordo com o disposto na Portaria, observados os seguintes critérios:

I – compreender a Sala de Leitura como um espaço desencadeador de diálogos para a promoção da literatura enquanto um direito inalienável do ser humano para o exercício de sua cidadania.

II - conhecer a legislação que rege a organização e funcionamento das Salas e Espaços de Leitura;

III – apresentar proposta que contemple, prioritariamente, o “Programa Mais Educação São Paulo”, em especial, no desenvolvimento de projetos na área de leitura;

IV – possuir disponibilidade de horário que atenda às necessidades da U.E. e as de participação nos eventos de formação.

Entender como nasceu a ideia de transformar as Bibliotecas nas chamadas Salas de Leitura, modificando, não só a nomenclatura, mas principalmente os princípios que regem esse espaço, bem como a função da bibliotecária pelo POSL, explicita a preocupação não somente com o atendimento de leitores, mas na constituição destes. Assim, o foco salta para além do objeto-livro, chegando ao seu significado afetivo, tendo a literatura como fator de humanização e considerando as relações como essenciais na aproximação do aluno com a leitura, tendo-a como atividade social, não conteúdo escolar.

3. A MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

“Quando um ser querido nos dá um livro para ler, é a ele quem primeiro buscamos nas linhas: seus gostos, as razões que o levaram a nos colocar esse livro entre as mãos, os fraternos sinais. Depois é o texto que se encarrega e esquecemos daquele que nos mergulhou nele (...) (PENNAC, 1993, p. 85)

Para compreender melhor a importância da afetividade na relação mediadora do professor, em específico o POSL, entre o aluno e o texto literário, faz-se necessário buscar entre os grandes nomes de estudiosos da educação como se estabelece a relação entre professor e aluno, entre o ensino e a aprendizagem.

“Fundador da psicanálise, Sigmund Freud identificou a criação artística (mitos, poesia, contos, pintura, etc.) como os sonhos, na medida em que, segundo ele, no plano do imaginário, ambos os fenômenos expressam a satisfação de desejos inconscientes que estão em conflito com forças repressivas.” (COELHO, 2003, p. 114)

Freud defende que o desejo de saber é inerente ao ser humano e esse desejo se manifesta quando somos crianças, com perguntas como “De onde eu vim?”. Kupfer (1992) explica que essa pergunta é de fundamental importância para a criança, pois a partir dela outros questionamentos naturais que conduzem à construção e reconhecimento da identidade vão tomando forma. O contato com a literatura é fonte para forjar a autoimagem,

“As histórias infantis e juvenis podem ajudar a construir a própria identidade, mas no sentido e o alcance em que o fazem dependem do significado que lhes atribuem cada leitor segundo a ressonância individual produzida pela obra na relação com sua personalidade e sua experiência social e literária.” (COLOMER, 2017, p. 74)

Sobre a relação professor-aluno, Kupfer traz a noção de transferência para explicá-la. Transferência é um conceito construído por Freud sobre um fenômeno inconsciente que, transportado para o contexto educacional, significa que o aluno transfere para a figura do professor, em situação atual, sentimentos vivenciados em

situações anteriores. Isso significa que, para Freud a aprendizagem é um processo relacional, ou seja, aprender é aprender com alguém e esse processo não é apenas consciente, mas inconsciente. Professores e alunos formam vínculos, positivos ou não, são atribuídos de afetos fundamentais ao processo de ensino-aprendizagem.

Kupfer (1992) conclui que a relação professor-aluno é um espaço privilegiado do processo educativo e que os professores tem grande responsabilidade na construção de um vínculo positivo, pois ocupam o lugar de quem sabe. Pennac destaca a importância do professor na formação do leitor, tanto na aproximação quanto no distanciamento deste do aluno com a leitura no momento em que proporcionamos ou recusamos aos jovens seu contato com o livro.

Outra característica do ser humano que Freud destaca é a incompletude, nos sentimos incompletos e sempre buscamos atividades que nos proporcione prazer e a sensação de completude. A partir da noção de incompletude podemos entender que a busca pelo prazer e pelo reconhecimento da própria identidade acompanham o ser humano por toda a vida. A busca e a manifestação de preferências artísticas, entre elas a Literatura, contribuem para a construção dessa identidade e revela quem somos.

Na escola, a aprendizagem depende da figura do professor como um mediador com a tarefa de conquistar seus alunos, envolvê-los numa relação de respeito, de afeto e de identidade. Essa mediação ocorre por meio das relações que se estabelecem entre ambos e, a partir da noção de transferência, o professor pode despertar no aluno o desejo e a busca pela leitura literária. Assim, é importante que o professor demonstre sua paixão pela leitura comentando o que lê, deixando suas impressões e emoções sobre as leituras, enredos e personagens, de forma despretensiosa, como numa conversa à toa.

Pensemos agora em outro estudioso, Vygotsky, o qual se dedicou, principalmente, ao estudo daquilo que chamamos de funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores. Isto é, interessou-se por compreender os mecanismos psicológicos mais sofisticados, mais complexos, que são típicos do ser humano e que “envolvem o controle consciente do comportamento, a ação

intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presentes.” (OLIVEIRA, 2001, p.26)

Para que os fenômenos mentais inferiores se transformem em superiores, de acordo com Vygotsky, é necessária a interação social, ou seja, é pelo encontro com o outro que conseguimos transformar o biológico em social. Dessa forma, nosso desenvolvimento acontece em duas instâncias: num primeiro momento, no nível interpessoal, ou seja, entre as pessoas; num segundo momento, no nível intrapessoal, ou seja, dentro da pessoa. Convivendo com as pessoas, observando-as e interagindo com elas eu me aproprio do conhecimento.

Se o desenvolvimento depende do social, para Vygotsky, o social é o espaço de aprendizagem e a aprendizagem leva ao desenvolvimento pelas relações sociais. Assim, a aprendizagem é a transformação do coletivo em individual, por meio da internalização, sendo que, internalizar é fazer meu algo que está fora de mim, apropriar-se de um saber.

Vygotsky compreende que o processo de ensino é também de aprendizagem e envolve aquele que aprende, o que ensina e a relação entre essas pessoas.

O professor tem o papel explícito de interferir na ¹ZDP dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola- demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na promoção do “bom ensino”. Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que no caso específico da escola são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (OLIVEIRA, 2001, P. 62)

Vygotsky atribui uma importância especial à escola e aos professores, na medida em que afirma que os professores são os mediadores centrais na atividade pedagógica voltada para as possibilidades de ação do sujeito humano: para o espaço do “vir a aprender”. (BAQUERO, 1998). Entre todas as relações existentes

¹ ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal): conceito criado por Vygotsky que se refere aos conhecimentos fora de seu alcance atual da pessoa, mas potencialmente atingíveis.

na escola, Vygotsky (1988) destaca a relação professor-aluno como capazes de superar as dificuldades dos alunos, promovendo cooperação e aprendizagens significativas. Confirmado essa ideia, Oliveira (2001), afirma:

“Com relação à atividade escolar, é interessante destacar que a interação entre os alunos também provoca intervenções no desenvolvimento das crianças. Os grupos de crianças são sempre heterogêneos quanto ao conhecimento já adquirido nas diversas áreas e uma criança mais avançada num determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento das outras. Assim como o adulto, uma criança também pode funcionar como mediadora entre uma outra criança e as ações e os significados estabelecidos como relevantes no interior da cultura. (OLIVEIRA, 2001, p 64).

Mesmo atribuindo importância aos dois tipos de interação já citados, Vygotsky lembra que são os professores como mediadores, os responsáveis por mobilizar as habilidades dos alunos e por satisfazer as necessidades deles, que devem viabilizar situações pedagógicas de interação em sala de aula, de forma a trabalhar na zona de desenvolvimento do grupo e de cada aluno em particular.

Agora, trazemos os princípios de Henri Wallon que inovou ao colocar a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento construindo uma teoria conhecida como Psicogênese da Pessoa Completa, na qual são considerados os processos que constituem a pessoa. Esses processos são:

a- Motor: diz respeito à expressividade e à capacidade de a criança se locomover e agir no mundo. Divide o movimento em: expressivo (ligado à expressão das emoções) e instrumental (ação direta sobre o meio físico);

b- Emotivo: conjunto de reações físicas e psicológicas que constituem a criança. As emoções são estados provisórios e Wallon afirma que uma das características marcantes das emoções é que, nelas, a pessoa fica com a percepção muito mais voltada para si mesmo do que para fora.

c- Cognitivo: é a expressão da criança que, inicialmente acontece por meio dos movimentos e das emoções, depois, através da linguagem. Podemos dizer que a inteligência nasce das emoções.

“O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior.

Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal... Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a "forma" que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente.”

(WALLON, 1975, p. 164)

Para Wallon, esses processos coexistem e atuam de forma integrada numa relação dialética onde o que é conquistado em um plano atinge o outro mesmo que não se tenha consciência disso. Defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma, toda pessoa é afetada tanto por elementos externos - o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio - quanto por sensações internas - medo, alegria, fome - e responde a eles. Essa condição humana recebe o nome de afetividade.

A palavra afeto é originária do latim “affectur” que traz como significado: afetar, tocar. O termo utilizado na perspectiva dos estudos de Wallon se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas.

A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento e é crucial para o desenvolvimento do ser, o qual nasce com um equipamento orgânico dotado de determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

Para melhor compreender o desenvolvimento humano, Wallon o separou em estágios que mostram que cada etapa da vida apresenta um conjunto de

necessidades e interesses que qualificam o indivíduo não afirmando, porém, que os estágios de desenvolvimento formem uma sequência linear e fixa, ou que um estágio suprima o outro. Para Wallon, o estágio posterior amplia e reforma os anteriores. Assim, o desenvolvimento não seria um fenômeno suave e contínuo, mas permeado de conflitos internos e externos. Os conflitos, mesmo os que resultem em retorno a estágios anteriores, são fenômenos geradores de evolução. A mudança de cada estágio se caracteriza um tipo diferenciado de comportamento, uma atividade predominante que será substituída no estágio seguinte, além de conferir ao ser humano novas formas de pensamento, de interação social e de emoções que irão direcionar-se, ora para a construção do próprio sujeito, ora para a construção da realidade exterior. São eles:

1- Impulsivo-emocional (Recém-nascido): predominantemente afetivo, onde as emoções são o principal instrumento de interação com o meio.

2- Tônico-emocional (6 meses aos 12 meses): Os movimentos infantis são um tanto quanto desorientados, mas a contínua resposta do ambiente ao movimento infantil permite que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas.

3- Sensório-motor (12 meses aos 24 meses): A inteligência, nesse período, é dividida entre inteligência prática, obtida pela interação de objetos com o próprio corpo, e inteligência discursiva, adquirida pela imitação e apropriação da linguagem.

4- Projetivo (2 aos 3 anos) Os pensamentos, muito comumente se projetam em atos motores. A expressão gestual e oral é caracterizada pelo pensamento como representação das imagens mentais por meio de ações, cedendo lugar à representação, que independe do movimento. Wallon dá grande importância à imitação que considera imprescindíveis para novas aprendizagens. A partir deste estágio a criança é capaz de dar significado ao símbolo e ao signo.

5- Personalismo (3 aos 4 anos) Momento com predominância afetiva sobre o indivíduo. Este estágio, que se estende aproximadamente dos três aos seis anos de idade, é um período crucial para a formação da personalidade do indivíduo e da autoconsciência. Uma consequência do caráter auto afirmativo deste estágio é a crise negativista: a criança opõe-se sistematicamente ao adulto. Por outro lado, também se verifica uma fase de imitação motora e social.

6- Categorical (6 aos 11 anos) Apresenta predomínio da cognição. Neste estágio, a criança começa a desenvolver as capacidades de memória e atenção. No estágio categorial, o poder de abstração da criança é consideravelmente amplificado. Provavelmente por isto mesmo, é nesse estágio que o raciocínio simbólico se consolida como ferramenta cognitiva.

7- Funcional (Estágio da adolescência, a partir dos 11 anos) A criança começa a passar pelas transformações físicas e psicológicas da adolescência. É um estágio caracterizadamente afetivo, onde passa por uma série de conflitos internos e externos onde se retoma o processo de identificação. Os grandes marcos desse estágio são a busca de autoafirmação e o desenvolvimento da sexualidade. Assim, a criança que estava voltada para os interesses do mundo externo, volta-se para o seu interior. Por isso, é comum que os adolescentes confrontem seus pais e professores voltem-se para os grupos que compartilham seus interesses.

Os estágios de desenvolvimento não se encerram com a adolescência, o processo de aprendizagem sempre implica na passagem por um novo estágio. O indivíduo, ante algo em relação ao qual tem imperícia, sofre manifestações afetivas que levarão a um processo de adaptação. Porém, o interesse dessa pesquisa atem-se às crianças e adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental e é sobre este enfoque que propomos uma reflexão que conduza ao reconhecimento acerca da importância da mediação afetiva entre professores e alunos na aproximação deste último com a leitura literária que o ajudará a compreender melhor a si mesmo e ao mundo que o cerca, reforçando o que diz Teresa Colomer: “Assim, a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior para falar sobre a própria linguagem. (COLOMER, 2017, p 27)

4- LITERATURA PARA QUÊ?

“Ela [a literatura] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

A literatura, como evidenciou Antônio Cândido, constitui um direito e uma condição para a humanização. Das histórias contadas ao redor da fogueira ao livro disponível no smartphone, a fabulação sempre permitiu ao homem vivenciar experiências e sensações por meio do jogo simbólico. A palavra como matéria-prima da criação estética não se inicia com a invenção da escrita. Ela se manifesta desde os primeiros rudimentos de comunicação entre os seres humanos.

“Os humanos nascem como uma predisposição inata em relação às palavras, em relação à sua capacidade de representar o mundo, regular a ação, simplificar e ordenar o caos mesclado da existência e expressar sensações, sentimentos e beleza. Os psicolinguistas não estavam especialmente preocupados com a literatura quando, em meados do século XX, começaram a estudar o desenvolvimento da linguagem dos bebês ou a forma com a qual as pessoas dão sentido à realidade. No entanto, rapidamente, notaram que surgia por todas as partes: nos solilóquios dos pequeninos em seus berços repetindo as cadências e palavras que tinham ouvido, na sua insistência em voltar a enumerar de forma personificada os dedos da mão, nos personagens de ficção que as crianças introduziram nas histórias inventadas de seus jogos ou nas fórmulas características, como nos inícios ou nas formas verbais, que utilizavam muito cedo para narrar.” (COLOMER, 2017, p. 26)

A riqueza das narrativas orais de sociedades ágrafas deixa claro que a escrita não é imprescindível para a criação ficcional ou poética. No entanto, para as sociedades ocidentais é inegável que a disseminação da leitura e da escrita, a partir do século XVI, deu destaque à leitura literária por meio do aumento da produção de

livros e da alfabetização progressiva. Aos poucos, a leitura foi se generalizando e se tornando algo útil, mas a literatura, sobretudo a canônica, sempre ocupou um lugar privilegiado entre as práticas culturais.

Para além da literatura, nas sociedades atuais, muitas das práticas sociais e culturais dialogam com a leitura e a escrita e sua apropriação é condição essencial para a plenitude da cidadania. A leitura, incluindo a literária, constitui instrumento importante para a inserção social do leitor.

Mas como conceituar a leitura nesse início de século XXI, na chamada sociedade do conhecimento e da informação? Que papel desempenha a literatura num tempo de textos curtos, de palavras voláteis, de linguagens híbridas e suportes intangíveis?

Já não cabem as concepções que limitam a leitura à decodificação ou a um processo cognitivo. As investigações sobre a leitura como prática historicamente instituída redimensionaram o conceito e, por consequência, seu papel no universo de práticas sociais e culturais. Hoje, a leitura, inclusive a literária, está profundamente ligada ao domínio de saberes e fazeres cotidianos. A grande variedade de gêneros e suportes junta-se à efervescência de práticas culturais nascidas num novo contexto, onde diferentes linguagens interagem numa velocidade estonteante. As práticas de leitura dialogam cada vez mais com essas outras práticas culturais, alimentando-se e combinando-se permanentemente.

Assim, a leitura literária não pode estar no universo escolar como uma aprendizagem puramente técnica. Sua fruição contribui para uma melhor leitura do mundo, para a construção da identidade do leitor e da sua relação com o outro.

“O olhar que se dirige apenas para a utilidade das coisas é característico da nossa civilização ocidental. Precisamos nos lembrar da percepção flexível que tínhamos quando crianças porque, como adultos, nos habituamos a nos valer apenas desse tipo de olhar funcional, como se fosse o único de que dispomos. Para a criança o olhar flexível é também funcional.” (MACHADO, 2004, p.88)

Por erros e acertos, hoje sabemos que uma política de leitura não será efetiva caso esteja centrada unicamente na oferta de livros, sobretudo numa sociedade

como a brasileira, que iniciou tardiamente o investimento no mercado editorial e na formação de leitores.

“Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura” (GOVERNO FEDERAL, 2000)

Entre os desdobramentos do ensino e língua portuguesa para o segundo ciclo do ensino fundamental, em consulta aos PCN's² o que se refere às práticas de leitura, encontramos o seguinte quadro que sugere o norte para a prática pedagógica:

Atribuição de sentido coordenando texto e contexto:

- ✓ Utilização de indicadores para fazer antecipações e inferências em relação ao conteúdo (tipo de portador, características gráficas, conhecimentos do gênero ou do estilo do autor, etc) e à intencionalidade;
- ✓ Emprego dos dados obtidos por intermédio da leitura para confirmação ou retificação das suposições de sentido feitas anteriormente;

Uso de recursos variados para resolver dúvidas na leitura: seguir lendo em busca de informação esclarecedora, deduzir do contexto, consultar dicionário, etc.

Utilização de diferentes modalidades de leitura adequadas a diferentes objetivos: ler para revisar, para obter informação rápida, etc.

Uso de acervos e bibliotecas;

- ✓ Busca de informação e consulta a fontes de diferentes tipos (jornais, revistas, enciclopédias, etc.), com orientação do professor;
- ✓ Leitura de livros na classe, na biblioteca, e empréstimo de livros para leitura em casa;
- ✓ Socialização das experiências de leitura
- ✓ Rastreamento da obra de escritores preferidos;

² PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina

Desde sua origem, em consonância com o que propõe os PCN's, o Programa Sala e Espaço de Leitura articula acesso ao livro e mediação da leitura, investindo na formação inicial e continuada de professores orientadores. Dessa forma, nessas salas, atuam educadores que estão envolvidos pessoal e profissionalmente com a leitura, que planejam suas práticas pela mobilização de vivências e conhecimentos que serão construídos num percurso consistente de formação, aberto às novas demandas de práticas culturais que estão em constante transformação.

As Salas de Leitura integram um contexto de mudanças em favor da leitura levada a cabo em vários países, que se fortaleceu a partir das últimas décadas do século XX. A expansão do acesso à educação e de uma cultura da leitura e da escrita, articulada ao desenvolvimento de pesquisas que contemplam o tema, indicam necessidade de se ampliar a oferta de livros e, também, aprimorar a maneira de oferecê-los, evidenciando cada vez mais o papel fundamental do mediador de leitura. É preciso apresentar aos leitores em formação, sejam crianças ou jovens, a multiplicidade de prazeres que a leitura permite.

“Afinal, ler é um lazer que pode ser saboreado a qualquer hora e que até dispensa companhia... é um dos poucos brinquedos com que se pode brincar sozinho (ou junto com as personagens...)”
(ABRAMOVICH, 2009, p 160)

Em conjunto com questões teóricas, a qualificação das ações de mediação de leitura tem de levar em conta a especificidade do público atendido. A multiplicidade e a qualidade das ações desenvolvidas nessas salas refletem o investimento feito nos pontos fundamentais para uma política de leitura eficiente e eficaz: a qualidade e diversidade do acervo e a formação continuada dos mediadores de leitura.

O acervo necessita de renovação constante como forma de garantir a bibliodiversidade e refletir a heterogeneidade social e cultural de uma metrópole como São Paulo.

“Na história das bibliotecas públicas pode-se perceber uma grande tensão entre sua função de arquivo do saber e sua função de servir às necessidades dos cidadãos. Na história da escola pode observar-se a tensão entre o ensino de uma leitura formadora guiada pelo

professor e o estímulo ao hábito de leitura dos alunos.” (COLOMER, 2017, p. 86)

As obras selecionadas procuram contemplar a Arte e a Literatura em suas diversas manifestações: da canônica à periférica, da africana à indígena, da poesia ao teatro, do romance ao cordel. Também são incluídos no acervo da sala de leitura, os textos informativos e documentais, importantes recursos para as aprendizagens necessárias à inserção de nossos estudantes na cultura de informação.

No entanto, um acervo numeroso em termos de títulos não é necessariamente proveitoso para a formação de leitores. É preciso que, além de contar com uma quantidade de exemplares proporcional ao número de estudantes e adequada às atividades de leitura individual e empréstimo, o acervo seja representativo para a comunidade educativa. É preciso também que o mediador de leitura atue de tal forma que a disponibilização e o uso dessas obras sejam significativos para esses leitores em formação. Daí a importância de oferecer uma formação consistente a esses mediadores.

“Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e tampém a ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (GOVERNO FEDERAL, p. 58)

Os POSL pertencem a um grupo especial de educadores da Rede Municipal para os quais a formação inicial e continuada, mensal e em horário de trabalho, é garantida por meio de Portaria. Esse é um aspecto significativo do Programa, pois revela um investimento na qualificação do profissional responsável pela mediação da leitura e a formação dos jovens leitores. Nesses encontros, esses professores são protagonistas, pois promovem trocas de experiências e conhecimentos em parceria com os formadores e especialistas convidados a discutir as questões da leitura e da literatura no contexto das escolas.

É a partir dessas formações que se fundamenta a riqueza das práticas dos POSLs: fomentando aprendizagens sobre e para as práticas de leitura em aulas semanais que integram a matriz curricular; articulando diferentes áreas do conhecimento em projetos interdisciplinares; dinamizando o espaço e o acervo em propostas e projetos, como formação de monitores e criação de cantinhos de leitura; possibilitando redes de textos literários e de leitores como os clubes de leitura; promovendo o protagonismo e a autoria dos alunos em saraus e atividades de mediação de leitura dentro e fora da escola; reorganizando o espaço da sala, transformando-o num ambiente diferenciado, de encantamento, em que diferentes conhecimentos e linguagens interagem para potencializar as práticas de leitura.

5. E NA PRÁTICA, COMO É QUE FICA?

“Cada um de nós tem direito a conhecer – ou ao menos a saber que existem – as grandes obras literárias do patrimônio universal (...)Vários desses contatos se estabelecem pela primeira vez na infância e juventude, abrindo caminhos que se podem percorrer depois novamente ou não, mas já funcionam como uma sinalização e um aviso: “Esta história existe... Está ao meu alcance. Se quiser, sei onde encontrá-la” (MACHADO, 2002, p. 44)

Com a finalidade de compreender como todas essas teorias, documentos e decretos, princípios e certezas se articulam na prática, foi necessário consultar o olhar e a experiência de quem as pratica. Assim, a partir de entrevista realizada com duas professoras que atuam em Salas de Leitura em escolas de ensino municipal de São Paulo, foi possível conhecer estratégias que, segundo elas, resultaram positivamente na formação de leitores.

Marlene Gomes Guimarães de Oliveira foi POSL na EMEF Teófilo Benedito Ottoni por 14 anos e se aposentou nessa função em março de 2017. Durante esse tempo, a professora realizou diversas atividades e é lembrada por seus colegas e alunos como referência de pessoa que mantinha uma relação de prazer e afetividade com seus alunos e sua atividade profissional. Maria Teresa Farina Pereira é POSL na EME Solano Trindade há aproximadamente 10 anos, função para a qual apresenta grande dedicação.

Em entrevista realizada com as professoras, um ponto comum de destaque foi o interesse que existe entre os alunos de todas as idades, do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, público atendido nas escolas onde atuam, pelo ouvir histórias. “Ouvir histórias sentados no cantinho da leitura era a atividade favorita”, diz a professora Marlene.

“Ouvir histórias não é uma questão que e restrinja a ser alfabetizado ou não. Afinal adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias pelo telefone (verdadeiras, fictícias, vontades do que aconteça...), por querer partilhar com outros algum momento que não tenham vivido juntos...” (ABRAMOVICH, 2009, p. 22)

O ler em voz alta para os alunos e o contar histórias é uma prática comumente observada entre os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, fazendo até mesmo parte da rotina, como uma abertura do dia letivo. Porém, com o apressamento do tempo dentro da organização de aulas nas séries finais do Ensino Fundamental, essa prática se perde.

Em diferentes momentos da entrevista, a professora Marlene expressou a divergência no comportamento leitor dos alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental, “Com relação à leitura autônoma, era realmente muito difícil manter o ritmo que tinham nos anos iniciais. Quando esses alunos vão para o Fundamental II, chega a provocar uma crise no POSL, pois mudam seus interesses e a leitura fica para segundo plano.” Assim, um dos desafios é envolver os alunos em atividades de leitura que desperte o leitor adormecido.

A professora Maria Teresa destaca como uma atividade bastante positiva nesse sentido o projeto que intitula “Mediadores de Leitura”. Esse projeto corresponde a atividades de leitura que ocorrem no contra turno das aulas, onde os alunos maiores leem para os alunos menores e se valem de diferentes recursos e ambientes da escola para essa atividade, utilizam bonecos e objetos, livros e fantasias, colocam-se sob a sombra das árvores e sentados nas escadarias do colégio.

Um ponto de reflexão importante diante da constatação da crescente falta de interesse pela leitura apresentado pelos alunos no decorrer dos anos do ensino fundamental é, inclusive, a falta de vínculo afetivo que se nota nessa etapa da vida escolar entre os alunos e a maioria dos professores, pois, muitos deles têm exclusivamente a preocupação em transmitir os conteúdos propostos no currículo escolar e os elos afetivos entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem se rompem ou não são fortalecidos.

É importante, nesse momento, destacar o valor da figura do professor mediador de leitura, no caso o POSL, ao qual não é cobrada a transmissão de um conteúdo específico, mas a função de despertar leitores.

“O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente

se elas sentem ou não a 'necessidade de livros'. Porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela" (PENNAC, 1998, p.143)

É preciso insistir, e o contar histórias e lê-las em voz alta é uma prática nessa insistência. Ouvir histórias não é só ouvi-las, em qualquer que seja a etapa da vida de uma pessoa, essa atividade contribui para o desenvolvimento do pensamento sendo um processo complexo de escuta e compreensão que auxilia no exercício da memória, na antecipação de acontecimentos, na formulação de alternativas e resolução de problemas, na construção e na compreensão da realidade por meio da linguagem. Para saltar ouvinte ao leitor autônomo de textos literários, o caminho se encurta.

“ Quando já podem entender uma história ou seguir a leitura de contos, experimentam um tipo específico de comunicação. (...) Porém, essa atitude receptora está muito longe de ser passiva. A narrativa organiza um mundo complexo que se deve imaginar somente por meio das palavras ou com o apoio de ilustrações. Diferentemente da interação habitual com o que está à volta, aqui se encontram diante de um monólogo prolongado no qual as frases se encadeiam construindo uma coerência autônoma. O que na vida real são ações simultâneas e fluir do tempo, na narrativa são episódios que se fixam e se simplificam em um começo, um desenvolvimento casual e uma conclusão. Durante o processo se enlaçam vozes que precisam ser distinguidas; sucedem ações que necessitam ser relacionadas com as outras; mostram-se condutas e emoções que podem ser contempladas e meditadas com calma; abordam-se pontos de vista que favorecem a descentralização de si mesmo e se amplia a experiência própria com outras vivências e outros contextos. Quando o conto termina, sempre se pode começar de novo dando-se conta de sua estabilidade e, ao mesmo tempo, comprovando que existe poder de transformá-lo.” (COLOMER, 2017, p. 28)

Ainda com relação à busca autônoma pela leitura, a professora Marlene acrescenta “(...) por outro lado, com a vivência na Sala de Leitura, percebi que esses

alunos já tinham construído uma ligação positiva com o espaço e que voltam a recorrer aos livros quando sentem necessidade.” Essa necessidade a qual se refere diz respeito a questões internas, à construção da identidade e à consciência construída no decorrer dos anos de que a literatura como algo que possibilita a evasão da realidade em busca de atribuição de sentido para ela é praticamente um recurso de sobrevivência.

“A história é um acontecimento no instante que se atualiza dentro de nós (...) Eu pertença a uma instância maior do que a vida que vivo todos os dias, habito um lugar com todos os seres humanos de todos os tempos, que como eu também se indagam sobre a significação de questões fundamentais.” (MACHADO, 2004, p. 180)

O acreditar nesse mundo secundário, enquanto se está dentro dele, é consequência da fantasia, arte do encantamento e o fato da produção literária ser formulação de um artista que conhece por dentro a arte de fabricar encantamento, estimula não só a busca por novas leituras, mas também a criação literária.

Outra característica importante do trabalho do POSL é que não precisam atribuir nota aos alunos, apesar de participarem ativamente dos Conselhos de Classe onde contribuem com os demais professores na avaliação integral destes. Por não necessitarem do levantamento de um conceito final e fixo, não necessitam de documentos avaliativos e isso contribui ainda mais para o seu trabalho. Afinal, ler não deve ter o meio para um fim avaliativo, mas para simplesmente desfrutar de seu prazer.

“Aos raros adultos que me daram a ler se retraíram diante da grandeza dos livros e em pouparam de perguntas sobre o que é que eu tinha entendido deles. A esses, é claro, eu costumava falar de minhas leituras.” (PENNAC, 1998, p. 167)

Essa revelação de Daniel Pennac revela sutilmente a rebeldia juvenil. Diante disso, devemos então deixar a leitura pela leitura? Essa seria a função da biblioteca, porém, a proposta das Salas de Leitura e do trabalho dos POSL's é proporcionar o contato com o livro e as leituras, estimular a ir além, afinal, na maioria das vezes isso não ocorre espontaneamente.

“Faz parte da formação saber quem nos disse coisas bonitas, encantadas, sábias ou chatas, para que a referência fique e o caminho esteja aberto e continuemos mergulhando nos textos de quem admiramos, dando uma colher de chá a quem nos envolveu num primeiro contato, ou para desistir (ou adiar prum outro momento da vida) da proximidade com um escrevinhador que nos desagradou ou decepcionou ou com um tipo de história que não nos tocou...”
(ABRAMOVICH, 2009, p 160)

Se houve aproximação com o livro o aluno certamente gostará de saber mais coisas sobre ele, conhecer o autor, o ilustrador, realizar atividades de pesquisa que promovam a extensão e aprofundamento de sua leitura, a construção de intertextualidade relacionando-a com diferentes linguagens artísticas, expressar suas impressões por meio de dramatizações, desenhos, rodas de discussão, saraus, contações de histórias.

Nesse propósito, através da Portaria no. 5.296, de 14/08/2015 foi instituído o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais que mantêm o Ensino Fundamental. Configura-se em espaço de leitura que explora a função humanizadora da literatura sensibilizando, provocando reflexões e favorecendo o exercício do protagonismo infanto-juvenil e adulto, por meio de estratégias pedagógicas de motivação prazerosa, que apresentem resultados positivos de transformação da vida dos educandos. Nos encontros literários, os alunos são repertoriados pelo Coordenador de Estudos Literários, geralmente o POLS, que estimulam a escolha de um autor da literatura para que apresentem na AEL e se tornem titulares da cadeira literária, tomando posse, em solenidade. Nos encontros como Coordenador das Atividades de Teatro, os alunos realizam dinâmicas, interpretam textos, fazem adaptações de obras literárias para o palco e se preparam para a Festa Anual de Posse, Seminários internos e externos, Semana de Arte Moderna da AEL e apresentações culturais. O “chá literário” e o “Seminário Mensal” são atividades pontuais, que contam com a presença da comunidade. Sempre que possível, a família dos acadêmicos é convidada para participar dos eventos promovidos pela AEL.

“ Submergir as crianças em um mundo onde os livros existem implica a participação de toda a comunidade educativa, assim como das

famílias, as atividades de leitura dever ter continuidade para além da sala de aula.”(COLOMER, 2007, p 74)

Ainda dentro da proposta da AEL são promovidas as “saídas culturais” com a finalidade de oportunizar e favorecer o acesso incondicional à cultura, em sua diversidade aos estudantes. Como estratégia pedagógica de relevância, a “Pasta do Acadêmico” é elaborada para orientar as pesquisas sobre a vida e a obra dos “amigos literários” e se constitui no primeiro trabalho efetivamente autoral dos acadêmicos.

Na EMEF Teófilo Benedito Ottoni, esse projeto foi implementado pela professora Marlene no ano anterior à sua aposentadoria e, sobre ele a professora relata, “A AEL é um projeto encantador e extremamente apaixonante. Conheci este projeto já no final da minha carreira e fui fisgada pela ideia do amigo literário. Queria ter conhecido antes para poder ter vivenciado muito mais. Levei a ideia aos alunos e os convidei para participar no horário extra aula. Poucos puderam participar na época, mas foi maravilhoso iniciar o projeto e deixar a semente plantada no coração dos alunos e da colega que me substituiu. Propus que os alunos pensassem em escritores que conheciam, ou descobrisse outros, e levasse o nome ao grupo. Foi escolhida a escritora Cecilia Meireles como patrona, depois da aluna que a apresentou ter lido “Ou isto ou aquilo” para a turma. Foram indicadas também Tatiana Belink e Eva Furnari. Cecilia foi escolhida pois é uma escritora que tem obras para todas as idades e isto tocou a todos.”

Enfim, não se pode subestimar o desejo natural pelo conhecimento. Com relação a isso, a professora Marlene disse a respeito das escolhas que os alunos faziam “Os menores sempre procuravam as histórias clássicas e aquelas que ouviam dos professores e na própria sala de leitura. Os maiores sempre buscavam livros que contassem histórias inspiradas na vida real, poesias e assuntos que estão nas redes sociais.” Na era da tecnologia é praticamente impossível negá-la, então, a tornemos nossa aliada! Existem inúmeros blogs e canais no Youtube que trazem dicas de leituras com comentários de seus leitores jovens e “descolados”. Existem também análises bem humoradas de letras de músicas da atualidade e que estimulam a intertextualidade. Só precisamos estar de olhos atentos a esse mundo e livres de preconceitos pedagógicos, prontos para adentrar o universo dos nossos alunos e, lá dentro, trazê-los para nosso objetivo de torná-los leitores autônomos, ainda que seja um processo moroso, conforme também afirma a professora Marlene

“Todas as atividades somam no final das contas (...) são como um despertar para a formação do leitor. Não necessariamente serão leitores nesta fase da vida, mas vão construindo seu cabedal cultural para suas vidas.”

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Só que nós, pedagogos, somos credores apressados. Detentores do saber emprestamos com juros. E é preciso que isso renda. Depressa! Sem o que, é de nós mesmos que duvidamos. Que pedagogos éramos quando não tínhamos a preocupação da pedagogia!” (PENNAC, 1998, p. 21)

Pensar em formar leitores não é uma tarefa fácil, afinal, não se trata de um conteúdo, mas de um comportamento que só pode ser desenvolvido por vontade própria. Esse trabalho de pesquisa trouxe reflexões acerca da formação de leitores de literatura trazendo o Projeto de Sala de Leitura da Rede Municipal de Educação de São Paulo como objeto desta reflexão tendo o Professor Orientador de Sala de Leitura como mediador desse processo.

Foi importante pensar no perfil atual de leitores no nosso país verificando a importância da escola nesse processo. Igualmente importante foi retomar as concepções de ensino e aprendizagem de nomes da pedagogia e da psicologia e a partir delas conceber o processo educativo como fator social, onde a relação de afeto que se estabelece entre os envolvidos faz com que a aprendizagem se efetive de modo natural e positivo.

A literatura, entendida como a arte palavra, é apresentada como um recurso de construção de identidade, de evasão e compreensão de processos psicológicos internos e conflitos naturais da vida humana. Buscamos beber da fonte literária quando precisamos nutrir nossa alma. Então, o segredo para se formar leitores está em conduzir os alunos até essa fonte, sem cobrar nada em troca, apenas proporcionado o que ela tem a oferecer e ele certamente voltará. Neste trajeto o professor, em específico o POSL deve mostrar-se um leitor apaixonado, compartilhar suas experiências leitoras e apresentar aos alunos sua paixão, possibilitando neles o despertar de suas próprias paixões.

Contamos com as experiências compartilhadas por Professoras Orientadoras de Salas de Leitura que apresentaram propostas de trabalho, desde projetos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a simples ações que se mostram eficazes no despertar de leitores.

Esse trabalho de pesquisa não se encerra aqui. Há muito que descobrir sobre como atingir nossos alunos e despertá-los para o prazer da leitura. No entanto, sempre, em todo o tempo e em qualquer lugar, as relações de afeto e empatia que se estabelecem entre os envolvidos no processo de educar, assim como as emoções que uma leitura pode despertar em quem a ouve são indispensáveis para a formação inicial de um leitor.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2002.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Brasília – MEC/ SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Nobre Azul, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação. O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1992.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

OLIVEIRA, M.K. **Pensar a educação: Contribuições de Vygotsky**. IN: CASTORINA, J.A. e outros. **Piaget e Vygotsky - Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1995.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Ezequiel. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2000.

VYGOTSKY, L S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação**. Rio de Janeiro, Loyola, 1975.

[https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/Acesso em 10/06/2018](https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/Acesso%20em%2010/06/2018).

PROJETO ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS (AEL)

- **PORTARIA Nº 5.296, DE 14/08/2015** - Institui o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais que mantêm o Ensino Fundamental e

o Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino, define normas e procedimentos para a sua implementação e dá outras providências

- **PORTARIA Nº 3.552, DE 10/05/2016** - Altera os artigos 8º e 12 da Portaria SME nº 5.296, de 14 de agosto de 2015, que institui o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais que mantêm o Ensino Fundamental e o Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino, define normas e procedimentos para a sua implementação e dá outras providências

SALA E ESPAÇO DE LEITURA

- **LEI FEDERAL Nº 9.394, DE 30/12/1996** – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional
- **LEI Nº 10.639, DE 09/01/2003** - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências
- **LEI FEDERAL Nº 10.753, DE 30/10/2003** - Institui a Política Nacional do Livro
- **LEI FEDERAL Nº 11.645, DE 10/03/2008** - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
- **DECRETO FEDERAL Nº 7.559, DE 01/09/2011** - Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências
- **LEI FEDERAL Nº 13.005, DE 25/06/2014** – Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências
- **DECRETO Nº 44.279, DE 24/12/2003** - Dispõe sobre o processo de licitação e regulamenta dispositivos da Lei nº 13.278, de 7 de janeiro de 2002
- **DECRETO Nº 49.731, DE 10/07/2008** - Dispõe sobre a criação e organização de Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na Rede Municipal de Ensino, nas condições que especifica
- **DECRETO Nº 54.452, DE 10/10/2013** - Institui, na Secretaria Municipal de Educação, o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino – Mais Educação São Paulo
- **PORTARIA Nº 5.930, DE 14/10/2013** - Regulamenta o Decreto nº 54.452, de 10/10/13, que institui, na Secretaria Municipal de Educação, o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo- “Mais Educação São Paulo”.
- **LEI Nº 16.271, DE 17/09/2015** – Aprova o Plano Municipal de Educação de São Paulo
- **PORTARIA Nº 7.655, DE 17/12/2015** - Dispõe sobre a organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na Rede Municipal de Ensino e dá outras providências
- **LEI Nº 16.333, DE 18/12/2015** - Institui o Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB) do Município de São Paulo, com o fim de assegurar a todos o acesso ao livro, à leitura e à literatura

- **PORTARIA Nº 3.920, DE 25/05/2016** – Constitui Comissão Especial, com a finalidade de analisar, avaliar e selecionar livros que serão adquiridos para complementação dos acervos das Salas e Espaços e Leitura das Unidades Educacionais, bem como, para subsidiar os Projetos de Leitura do Programa Leia São Paulo
- **PORTARIA Nº 4.528, DE 30/06/2016** – Constitui Comissão Especial, com a finalidade de analisar, avaliar e selecionar livros que serão adquiridos para complementação dos acervos das Unidades de Educação Infantil da rede direta
- **COMUNICADO Nº 940, DE 22/08/2016** - 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo
- **PORTARIA Nº 074/2016-SMC.G, DE 19/12/2016** – Designa membros do Conselho do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca, observando as regras estabelecidas na Lei nº 16.333, de 18 de dezembro de 2015, por meio do seu artigo 7º, regulamentado pelo Decreto 57.233 de 19 de agosto de 2016.

ANEXOS**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Marlene Gomes Guimarães de Oliveira, estou sendo convidado a participar de uma pesquisa denominada "O professor da Sala de Leitura e o desenvolvimento de leitores: uma relação mediada pela afetividade", cujos objetivos e justificativas implicam em descrever os fatores que contribuem para a formação de um leitor de textos literários destacando as características do texto literário e suas relações afetivas com a formação do leitor assim como a função do professor mediador da leitura nesse processo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de compartilhar vivências e reflexões a partir da experiência pessoal como Professora de Sala de Leitura em uma escola da Rede Municipal de São Paulo através de respostas a um questionário.

Concordando em participar da pesquisa, assino ao final deste documento que possui duas vias, sendo uma delas minha, e a outra, da pesquisadora responsável. Seguem os telefones e o endereço eletrônico da pesquisadora responsável: Atalita Costa Gomes, brasileira, RG 30.470, 943-8 – Celular (11)993964945 – e_mail: costagomesatalita@gmail.com., onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

São Paulo, 04 de junho de 2018.

Assinatura do(a) participante: 

Assinatura do(a) pesquisador(a): Atalita Costa Gomes

